

A indecisão ganha no Peru, segundo as pesquisas

Via [El País](#)

A menos de um mês das eleições presidenciais peruanas, o dado mais claro e controvertido das pesquisas eleitorais realizadas anteriormente não vai para nenhum candidato, mas para a indecisão. Mais de um terço dos eleitores potenciais estão nas categorias “em branco”, “vazio” ou “nulo”, “indefinido” e outras categorias similares: eles não sabem, não decidiram, o que fazer com seu voto. Estes quase 35% dos eleitores indecisos contrastam fortemente com a média dos candidatos presidenciais que, a partir de hoje, lideram timidamente as pesquisas: Yohny Lescano (10,8%); George Forsyth (9,2%); Keiko Fujimori (7,1%) e Verónica Mendoza (6,9%).

Esta configuração tem sido uma constante nas pesquisas peruanas desde o tumultuoso final do ano que o país passou, com três presidentes em apenas algumas semanas e uma mobilização pública que o cientista político peruano Alberto Vergara descreveu então como “cidadãos sem uma república”: uma ação espontânea para tirar o país da beira do abismo em que parte de suas elites políticas o havia colocado após derrubar Martín Vizcarra através de um processo que ainda gera sérias dúvidas entre os constitucionalistas peruanos, e substituí-lo pelo congressista questionado Manuel Merino, que mal duraria alguns dias no cargo devido a esses protestos.

Estes cidadãos em busca de uma república, de uma estrutura democrática mais estável, têm como primeiro marco a eleição de 11 de abril. Mas as pesquisas não esclarecem quem eles preferem, a partir de hoje, para confiar a responsabilidade da reconstrução institucional. De fato, nessas mesmas pesquisas, a média dos candidatos mais votados em qualquer um deles só está caindo: já está em um irrisório 11%.

A causa é a enorme fragmentação do voto que é mantida em todas as urnas. Neste momento, os dois candidatos de referência mal o são: Yohny Lescano (Acción Popular) e George Forsyth (Victoria Nacional) seguiram tendências opostas; o primeiro para cima, o segundo para baixo. Ambos ancoraram suas campanhas em uma mensagem anticorrupção, centrista e de mudança de liderança, mas isso não parece dizer muito em uma eleição marcada precisamente pela desconfiança em relação às elites estabelecidas.

Keiko Fujimori, que mantém um aparente terceiro lugar sem variação nas pesquisas, também está tentando se ancorar nesta conversa. A filha do ex-presidente peruano mais conhecido da região está no meio de um processo legal no qual o Ministério Público pede 30 anos de prisão por lavagem de dinheiro, obstrução da justiça, organização criminosa e falsificação de procedimentos administrativos. Este fardo, além de seu passado pessoal, institucional e familiar, faz com que seja muito difícil para ela se encaixar em uma campanha marcada pelo novo eixo político antigo; provavelmente é devido a isto que ela está cada vez mais alavancando seu discurso em uma posição próxima ao direito reacionário.

Ao mesmo tempo, a outra mulher que está correndo com certas possibilidades demoscópicas neste primeiro round: Verónica Mendoza tem apenas 41 anos, mas tem feito política boa parte deles na esquerda do Partido Nacionalista Peruano; agora na coalizão Juntos pelo Peru. Sua candidatura é a mais clara ideologicamente de todas aquelas que se destacam por enquanto nas pesquisas (ela participou, por exemplo, da investidura do presidente evista Luis Arce na Bolívia). Além de Rafael López Aliaga, cuja intenção de voto tem crescido durante 2021: primeiro empresário, depois político conservador, ele está baseando sua ascensão (ainda tímida em níveis, mas decidida em tendência) em valores tradicionais com um forte sabor católico.

Os volumes médios de intenções de voto para todos eles e

vários outros são, de qualquer forma, tão escassos que permanecem dentro da margem de erro, não apenas técnico, mas inevitavelmente político, em uma eleição que está se desenvolvendo sem uma bússola clara. Nos discursos dos candidatos, os parâmetros ideológicos usuais se entrelaçam, em vez de se entrelaçarem, com uma tentativa extenuante de casar a posição anti-elite com a necessidade de fundações institucionais estáveis.

Numa tentativa de esclarecer um pouco mais o panorama, a empresa de pesquisa Ipsos publicou um exercício um pouco diferente em 11 de março. Em vez de perguntar sobre intenções de voto, deixando o espaço aberto para os eleitores indecisos, eles forçaram os entrevistados a colocar uma cédula em uma urna de voto simulada. O resultado: 21% para Lescano, 14% para Forsyth, 11,6% para López Aliaga. Fujimori e Mendoza permaneceram acima de 10%. Com cinco candidaturas comprimidas em apenas dez pontos, e nenhuma delas acumulando sequer um quarto dos votos, a enorme incerteza com que o Peru avança em direção a uma votação decisiva não se dissipa.